

CUT



FUP



JORNAL DO SINDIPETRO

PARANÁ E SANTA CATARINA

Informativo do Sindicato dos Petroleiros do Paraná e Santa Catarina | Ano XXXIV | Nº 1404 | 23/04 a 06/05/2018

LUTAR É PRECISO!



Anúncio da venda da Repar e outras três refinarias junto com os ativos logísticos (dutos e terminais) inflama a luta da categoria. Com os ânimos acirrados, petroleiros reagiram imediatamente com protestos. Próximo passo será a greve por tempo indeterminado.

Assembleias já estão convocadas.

► Pág. 3



Parada de manutenção da Repar

Série de problemas registrados evidenciou a política de desmonte do Refino na Petrobrás.

► Pág. 2



A Petrobrás, a Política e a Cidadania

Sindicato publica artigo sobre a responsabilidade política do trabalhador petroleiro.

► Pág. 4

► Repar

(despre)parada de 2018

Parada de Manutenção na REPAR evidenciou a política de desmonte do Refino na Petrobras. No chão de fábrica, já ficou conhecida como “despreparada de 2018”.

A Parada de Manutenção de 2018 demonstrou a desorganização e o despreparo com que a refinaria está sendo administrada. Há exceções, mas a obediência cega à cartilha do Pedro Parente e o individualismo formam um quadro desanimador. Falta de comida e baixa qualidade na alimentação, dificuldades no transporte devido ao corte de verbas nos contratos com as prestadoras, alterações frequentes nas escalas dos grupos e turnos, não pagamento de horas trabalhadas, excesso de jornadas, sobrecarga de atividades e alto índice de acidentes foram alguns dos vários problemas enfrentados pelos trabalhadores durante a (despre)parada.

Tudo isso é reflexo da atual política de gestão de Parente e sua trupe, através do plano de desmonte da Petrobras. O atual presidente já anunciou a privatização de parte do refino. Com isso, reduziu drasticamente os recursos para o setor, impactando nos salários dos terceirizados e nas condições operacionais das unidades. Menos investimentos nas refinarias resulta em falta de verbas para a manutenção dos equipamentos e menor capacitação da mão-de-obra, seja pela ausência de peças de reposição para as máquinas, pela dificuldade em realizar os treinamentos, pela redução dos salários dos terceirizados, ou ainda pelo corte no efetivo próprio.

Um agravante na Repar é a evidente falta de percepção de risco dos gerentes e coordenadores. Priorizam tanto os

pormenores que se tornaram fiscais de botões de camisas e das barras dos trabalhadores. Enquanto isso, acumulam-se os problemas operacionais e de manutenção. Alegam “ausência de autonomia” e o resultado é a enorme quantidade de vazamentos e de equipamentos indisponíveis.

Uma série de acidentes foram registados e relatados ao Sindipetro, mas houve outros que a Repar tratou como incidentes, mascarando os índices.

O Sindipetro PR e SC atuou participando das comissões de investigação dos acidentes e tratou em mesa com a gestão da refinaria sobre as informações e denúncias que recebia. O Sindicato continua orientando os trabalhadores que enviem denúncias relacionadas aos problemas ocorridos nessa (despre)parada ao e-mail denuncia@sindipetroprsc.org.br as informações, possibilitando melhor ação na cobrança das soluções.

Cabe à categoria continuar na defesa da maior empresa do Brasil e combater os desmandos dos entreguistas e carreiristas de plantão, pois se depender das chefias locais e nacionais, não haverá mais refino da Petrobras no Sul do país e nordeste.



Situação no COQUE após a parada de manutenção está complicada

Orientações confusas – Os check lists e procedimentos constantemente eram mal elaborados e controversos, os quais causavam retrabalhos, interferência de um check list em outro realizado por TOs diferentes, ausência dos mesmos para algumas tarefas e/ou fluxos, entre outros problemas.

Individualismo – coordenadores de especialistas com posturas arrogantes, sem visão do todo, estavam preocupados somente em realizar a tarefa de sua responsabilidade no tempo estipulado, causando confrontos e discussões. A pressa acarretou problemas que até hoje estão sem solução e que suscitaram em dúvidas sobre a correta montagem e entrega de máquinas, equipamentos e instalações. Destaca-se aí também o desconhecimento sobre os equipamentos e instalações, bem como controle sobre o correto andamento das intervenções.

Jornadas estafantes – As escalas de horários foram mal elaboradas, o que evidenciou o baixo efetivo e causou as alterações e descumprimentos do número máximo de horas diárias trabalhadas.

Despreparo – A mão de obra contratada para a intervenção se mostrou despreparada, sem comprovações de formação e experiência. Por isso, ocorreram acidentes e atrasos, todos de amplo conhecimento da gestão.

Refeitório ruim – As instalações do refeitório para os contratados estavam em péssimas condições. Longas filas se formavam e os trabalhadores ficam expostos às intempéries e atolados na lama.

Pressão total – O comportamento de gerentes, auditores e coordenadores foi de pressão constante para a execução das paradas, por vezes desrespeitando procedimentos e normas, como sugestões que fossem realizadas tarefas sem aplicação de LIBRA quando a permissão de trabalho a exigia, iniciar condicionamento de equipamentos com algumas especialidades ainda trabalhando nos mesmos, acelerar liberação de espaços confinados, medições de riscos, entre outras orientações nada seguras.

Efetivo burlado – Falta do cumprimento do escopo mínimo que atendesse às normas regulamentadoras, visto que até hoje as máquinas e equipamentos têm sido liberados para calibração de PSVs e outros trabalhos.

Gambiarra – Houve casos de não realização de manutenções em instalações que já apresentam falhas e defeitos há anos, seguindo assim após o condicionamento e partida da unidade.

Novos problemas – Também aconteceu o surgimento de falhas e defeitos após as intervenções de parada, somando-se àquelas não executadas. Nota-se que a unidade do Coque e HRC voltaram a operar com grande quantidade de vazamentos, alguns antigos e outros oriundos das intervenções da parada, falhas de instrumentação, na qual atualmente supervisores e outros gestores até sugerem via rádio a realização de jumps (inibição de sinais com uso de grampos de arame), entre outros.

Rol de problemas na (despre)parada 2018

Falha grotesca 1 - No Coque uma torre de fracionamento apresentou problemas operacionais após a partida da unidade, impedindo a especificação da nafta.

Falha Grotesca 2 - Na HDS, o alto diferencial de pressão (delta P) em um permutador (P-2634) impediu a partida e a produção de diesel. Um filtro rompeu, permitindo que resíduos do R-2631 chegassem nas placas do P-2634. O spool de fundo desse reator não foi removido como em paradas anteriores. Os tubos dos P-2638 ABCD foram quase todos plugueados para a partida da unidade, devido falta de peças de reposição. Logo terão que ser parados novamente para troca dos feixes. Redução de custos e prazos gerarão mais retrabalho e exposição aos riscos.

Falta de efetivo e supervisão – Vários relatos apontaram que o número de técnicos de operação e de supervisores de espaço confinado foi insuficiente. Isso ocasionou num dos grandes gargalos das etapas de entrega e recebimento dos equipamentos, causando atrasos, desrespeito às normas e procedimentos, e alterações constantes nas escalas de profissionais.

► Privatização

Refinarias entram na mira da privatária do Parente

Presidente ilegítimo da Petrobrás, Pedro Parente anunciou a venda da Repar e outras três refinarias e seus respectivos ativos logísticos.

A categoria petroleira vive o momento mais crítico dos últimos 20 anos e um dos mais graves de sua história. A privatização da área do refino do Sistema Petrobrás nas regiões Sul e Nordeste foi anunciada por Pedro Parente no último dia 19.

O modelo apresentado pela direção ilegítima da empresa e referendado pelo Conselho de Administração coloca à venda 60% das refinarias Presidente Getúlio Vargas (Repar-Paraná), Alberto Pasqualini (Refap-Rio Grande do Sul), Landulpho Alves (RLAM-Bahia) e Abreu e Lima (RNEST-Pernambuco). A entrega do patrimônio estatal também inclui os ativos logísticos (dutos e terminais) da Transpetro integrados às refinarias.

A reprovação da categoria no Portal Petrobrás foi coincidentemente igual à rejeição de Michel Temer pelos brasileiros. 94% dos petroleiros que avaliaram a notícia que apresentou o “modelo preliminar sobre reposicionamento estratégico em refino” classificaram o conteúdo como péssimo. Segundo pesquisa do Instituto Ipsos divulgado no dia 26/04, o presidente golpista é rejeitado por 94% da população.

Com mais essa entrega de patrimônio, a Petrobrás segue sendo esquartejada por Pedro Parente e vendida aos pedaços por uma administração que assumiu o poder por meio de um golpe e é a mais rejeitada da história do Brasil.

A reação da categoria petroleira contra a privatização foi imediata. Na manhã seguinte ao fatídico anúncio foram realizados protestos em todas as refinarias envolvidas. Petroleiros de outras unidades da Petrobrás se solidarizaram e também fizeram manifestações, como aconteceu no Terminal Transpetro de Vitória, no Espírito Santo, e nas refinarias Gabriel Passos (Regap-Minas Gerais), Capuava (Recap-São Paulo) e Isaac Sabbá (Reman-Amazonas).

Uma semana mais tarde, no dia 26, foi realizado um Dia Nacional de Luta Contra a Privatização. No complexo industrial da Petrobrás em Araucária, que inclui a Repar e a Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados do Paraná (Fafen-PR), petroleiros, petroquímicos e trabalhadores da montagem e manutenção se uniram em um tranço que bloqueou as duas unidades. Uma marcha com grande adesão da categoria encerrou o protesto.

Para o presidente do Sindipetro Paraná e Santa Catarina, Mário Dal Zot, a luta para barrar a privatização

depende da unidade da categoria. “O momento é de deixar as divergências de

lado e focar naquilo que nos une, que é a manutenção dos empregos, dos direitos e da Petrobrás estatal. O Sindicato vai lutar até as últimas consequências para impedir a privatização”, afirmou.

A privatização no Sul

A pressa dos golpistas para entregar o patrimônio nacional é insana. Já no último dia 26 a direção ilegítima da Petrobrás divulgou o documento “Oportunidade de Investimento em cluster de refino e logística no Sul do Brasil (Cluster Sul)”. Para quem não está familiarizado com o termo gringo, cluster significa um grupo de coisas ou atividades semelhantes que se desenvolvem conjuntamente.

O documento detalha tudo o que Pedro Parente pretende privatizar na região Sul. São duas refinarias (Repar e Refap), 736 km de oleodutos (Opasc, Olapa, Ospar, Orsul 6, Orsul 10, Oscan 16, Oscan 22 e Ornit) e sete terminais de distribuição da Transpetro localizados em Paranaguá, São Francisco do

O momento é de deixar as divergências de lado e focar naquilo que nos une, que é a manutenção dos empregos, dos direitos e da Petrobrás estatal. O Sindicato vai lutar até as últimas consequências para impedir a privatização.



Luta e resistência são as palavras de ordem para impedir a venda da Repar

Sul, Guaramirim, Itajaí, Biguaçu, Niterói (RS) e Tramandaí.

A Petrobras contratou o Citigroup Global Markets Assessoria Ltda. (“Citi”) como seu assessor financeiro exclusivo no contexto da Potencial Transação. É o banco estadunidense, com sede em Nova York, que irá conduzir o processo de venda das refinarias e ativos logísticos.

Contradições

As balelas que Pedro Parente conta para tentar vender o peixe da privatização são repletas de contradições. Primeiro que para ele, vender a parcela majoritária das refinarias e perder o controle de gestão não é privatizar, mas sim “buscar parcerias”.

O Parente que ninguém quer também afirma que abrir o mercado para a con-

corrência é algo positivo para a Petrobrás, afinal de contas, quem não quer adversários para competir no mercado, não é mesmo?

O malandro agulha ainda fez um papelão quando da apresentação intitulada “Reposicionamento da Petrobras em Refino”, no dia 19 de abril, durante um seminário que reuniu o Ministério de Minas e Energia (MME), Agência Nacional do Petróleo (ANP), Instituto Brasileiro do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (IBP), entre outras entidades, no Rio de Janeiro. Em um slide, mostrou que existe tendência de crescimento no mercado nacional de derivados de petróleo da ordem de 1,8% por ano até 2030. Logo no slide seguinte, revelou que há baixa previsibilidade no mercado. Parece papo de louco.

Agora e greve!

Os protestos da categoria petroleira serão intensificados. A partir do dia 04 de maio, o Sindipetro Paraná e Santa Catarina, assim como os demais sindicatos de petroleiros filiados à FUP, inicia uma série de assembleias em todas as bases de representação para aprovar a greve no Sistema Petrobrás contra a privatização e retirada de direitos dos trabalhadores próprios e terceirizados, com data a ser definida pela Federação.

Como forma de financiar as grandes lutas que a categoria tem pela frente, as assembleias também decidirão sobre o desconto assistencial de 1% sobre o salário líquido durante três meses, sendo 0,5% para a FUP e 0,5% para os respectivos sindicatos.

Ainda estará em pauta a aprovação do manifesto em defesa da soberania, pela democracia e contra a prisão política de Lula.



David Menezes

A Petrobrás, a Política e a Cidadania

A categoria petroleira atravessa um momento particularmente difícil e decisivo em sua história, e sua sobrevivência - tal como ocorreu no passado - sempre dependeu da leitura e compreensão da dimensão política em que o Brasil se encontrava, para além de sua capacidade técnica. Se somos capazes de realizar tal análise e decidir nossos rumos, por que muitos não querem falar sobre política?

A Petrobras dos anos 60 - uma empresa guardiã da soberania e das reservas energéticas brasileiras pujantes - que, com pessoal capacitado, desenvolveu tecnologias pioneiras na exploração de petróleo no mar, foi sendo - a partir de meados dos anos 90 por um projeto de governo privatista e pela mídia geral - rotulada como ineficiente, um “fardo” a ser carregado pelo Brasil. Um cabide de empregos a abrigar gerações de funcionários públicos tidos como verdadeiros “marajás”, tal como a classe política em Brasília. A partir das eleições de 2003 (com a retomada do espírito da campanha “O Petróleo é Nosso” do final da década de 1940) até 2010 com a obtenção da autossuficiência na produção de petróleo, foram gigantescos os esforços da categoria em conscientizar a sociedade para esta injusta e distorcida visão que estava a rotular a nossa empresa e sua força de trabalho. Esses esforços foram coroados com a descoberta

do pré-sal e a volta do sentimento de empresa orgulho nacional. Para se ter uma ideia, a participação do segmento de petróleo e gás natural no PIB (Produto Interno Bruto, que mede a soma de riquezas produzidas no país) do Brasil aumentou de 3% em 2000 para 12% em 2010, chegando a 13% em 2014¹. Veio então o “espetáculo” da Operação Lava-Jato, novamente reduzindo a categoria Petroleira a “privilegiados corruptos” a inchar a máquina pública, assim como os políticos.

E quem são os políticos de hoje? É só reparar no sobrenome deles. São os filhos, sobrinhos, netos e bisnetos dos políticos do passado!

Quando proclamaram a República em 1889, o bisavô do ex-presidente FHC, escreveu para seu filho Joaquim Inácio Cardoso: “Vocês fizeram a República que não serviu para nada. Aqui agora, como antes, continuam mandando os Caiado”².

Ou seja, tanto a família de Fernando Henrique Cardoso como do atual senador de Goiás, Ronaldo Caiado, já participavam da vida política - desenhando planos de governo - desde o século XIX, há mais de 120 anos! Podemos perceber este movimento em todos os estados brasileiros e em todas as esferas públicas.

Mas por que a nós, trabalhadores comuns, a

política não interessa?

O discurso patronal é o de que o papel do trabalhador na política termina no piquete da porta da fábrica, ou seja, trabalhadores organizados em sindicatos ocupam-se unicamente com negociações salariais e condições de trabalho, deixando a política partidária para os patrões e suas federações. Quem gosta de política nessa história oculta o fato de que numa sociedade classista, as leis - para beneficiar ou prejudicar aqueles que vivem do trabalho - têm origem nas vontades do grupo social que detém a maioria no Congresso Nacional³.

Então como nós nos posicionamos diante desse fato?

Analisando o conceito de cidadania percebemos que ser cidadão é ter consciência de que somos sujeitos possuidor de direitos. Mais do que isso: É ser também consciente de seus deveres, de suas responsabilidades perante a sociedade, a nação, o meio ambiente e o Estado. É estar preocupado em dar sua contribuição para que haja o bem comum. Desta forma, cidadania é uma luta constante para melhorar a qualidade de vida, não só

individual, mas coletiva.

Agora podemos responder aquela primeira pergunta: Será o caminho correto nós, petroleiros e petroleiras, não nos envolvermos com a política?

O petroleiro não é um alienado político e nem deve ser. Ele usa o seu conhecimento e a sua capacidade de organização para participar ativamente das questões políticas que envolvem nossa empresa. Nossa categoria jamais esteve alheia ao projeto de governo e de sociedade em vigor.

Independente da cor do crachá, ser petroleiro é ser um defensor de um projeto de nação!

É uma responsabilidade que sustenta o desenvolvimento da ciência e tecnologia, da distribuição de renda, da geração de empregos e riqueza, da autossuficiência energética e da soberania nacional. É defender o Brasil!

Portanto, cabe a cada um de nós participarmos das decisões eleitorais desse ano, apoiando candidatos que apresentem projetos políticos que defendam a Petrobrás como empresa integrada e indutora da economia nacional, que defendam o Brasil como país soberano e que defendam a democracia como exercício pleno da cidadania.

Nossa categoria jamais esteve alheia ao projeto de governo e de sociedade em vigor. Independente da cor do crachá, ser petroleiro é ser um defensor de um projeto de nação!

REFERÊNCIAS

- 1 - <http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados/participacao-do-setor-de-petroleo-e-gas-chega-a-13-do-pib-brasileiro.htm>; acesso em 23/02/2018
- 2 - DE OLIVEIRA, Ricardo Costa. Famílias Políticas, Desigualdade e Estratificação Social no Brasil Contemporâneo, UFPR, 2015.
- 3 - http://acslogos.dominiotemporario.com/doc/O_SINDICATO_E_O_PARTIDO.pdf; acesso em 22/03/2018

